

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS.
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Departamento de História.

AS “NOSSAS ÁFRICAS”

Rodrigo Castro Rezende

Belo Horizonte
2006

Rodrigo Castro Rezende

AS “NOSSAS ÁFRICAS”:
população escrava e identidades *africanas* nas Minas Setecentistas.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Cole Libby.

Belo Horizonte.

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada em _____ de
_____ de 2006, pela banca examinadora constituída pelos
professores:

Prof. Dr. Douglas Cole Libby (Orientador).

Prof.^a Dr.^a Mariza de Carvalho Soares.

Prof. Dr. Tarcísio Rodrigues Botelho.

Dedico esta dissertação à minha esposa,
Kátia, ao meu filho, Dé, e aos meus pais,
Geraldo e Ilma.

AGRADECIMENTOS.

Ao final deste trabalho fica a difícil tarefa de agradecer aqueles que me ajudaram a escrevê-lo. Esta vicissitude provém não apenas da exposição das palavras adequadas para este ou aquele, mas também da falha da memória. Embora esteja tentando completar meus estudos em história, tenho que admitir que incorrerei em inúmeros lapsos nestes agradecimentos. Dessa forma, aqueles que porventura não forem citados aqui, minhas mais sinceras desculpas e os meus mais puros agradecimentos. Aqueles que eu me lembrei gostaria, em primeiro lugar, de agradecer ao meu orientador, o professor Douglas Cole Libby, que, no que concerne à dissertação, me orientou, incentivou e, acima de tudo, respeitou minhas opiniões; e, no que tange ao meu crescimento enquanto professor, me ensinou a difícil arte da sabedoria, com palavras bem postas em momentos sempre oportunos.

Quero agradecer também aos professores do departamento de história da UFMG, principalmente àqueles com quem tive o privilégio de ter sido seu aluno: Adriana Romeiro, Francisco Eduardo, Eduardo França Paiva, José Carlos Reis e Douglas Cole Libby. Ainda, entre os professores do departamento de história, não poderia deixar de agradecer, especialmente, aos professores Eduardo França Paiva e Júnia Ferreira Furtado, que me incentivaram e me deram várias, ou melhor, inúmeras sugestões, sempre pertinentes e engrandecedoras.

Aos colegas de pós-graduação agradeço principalmente à Vanda (vandinha), e ao Rangel, com quem dividir vários momentos de angústia e alegria. Este último momento, normalmente, nos *butecos* aos arredores da UFMG.

Aos diversos funcionários das instituições em que estive. Na UFMG gostaria de agradecer o apoio especial da do Carmo, secretária do Centro de Estudos Mineiros, da Magda, secretária da pós-graduação em História da UFMG, da Vilma, bibliotecária da FAFICH, do Alessandro, chefe da seção de ensino de pós-graduação da FAFICH, e aos funcionários do xerox; no Museu do Ouro em Sabará, sou grato a Carla; e no Arquivo Público Mineiro agradeço a todos os seus funcionários.

Aos professores da PUC-MG, local em que dei meus primeiros passos como estudante de história, quero especialmente agradecer ao professor Ribas, que me ensinou a *desacelerar o tempo*; à professora Elisabeth Guerra Parreiras, carinhosamente Beth, com quem aprendi que a História é feita por pessoas; às professoras Maria Paula e Liana Maria Reis, que me incentivaram a continuar meus estudos acadêmicos; ao professor Tarcísio Rodrigues Botelho, com quem dei meus primeiros passos em pesquisa e que, (in)felizmente, até hoje, estrago seus momentos de descanso com meus problemas. A este último, meu mais sincero MUITO OBRIGADO.

À Karina, Regina e Mariângela, minhas “irmãs”, pela amizade, apoio e incentivo.

Ao amigo de todas as horas, Leandro. Por sempre estar comigo nos momentos difíceis, me aconselhando e me motivando.

Também houve outros professores, que mesmo “emailisticamente” me ajudaram. Minha gratidão se dirige, neste caso, aos professores Robert Slenes, Beatriz Gallotti Mamigonian, Mariza de Carvalho Soares e Roquinaldo Amaral Ferreira, que me sugeriram

várias idéias e bibliografias. Para todos, que não me conheceram pessoalmente, mas que sempre foram solícitos em meus pedidos, meu muito obrigado.

Agradeço também ao Instituto Cultural Amílcar Martins, ICAM, que me forneceu, além de sua excelente biblioteca, uma bolsa de seis meses, que me possibilitou chegar com maior tranquilidade ao final de minha dissertação.

Ao Seu Walter (*in memoriam*), “sogrão”, à Dona Gorete, “sogrona”, à Andréia e à Simone, cunhadas, por acreditarem em mim e por me ajudarem, com compreensão, carinho e amor, a chegar ao fim desta etapa de minha vida. A todos, meus mais sinceros agradecimentos.

Por último, agradeço aos meus pais, que sempre me apoiaram, me ajudaram e me amaram; ao meu filho, “Dedezinho”, que me ensinou que se aprende brincando; à minha amada esposa, Kátia, que me apoiou com sua dedicação, com seu companheirismo e com seu amor na construção deste sonho; e a Deus por tudo.

Muito embora eu tenha contado com o apoio, carinho, incentivo e sugestões de todas estas pessoas, é bem provável que este trabalho tenha seus problemas. Estes problemas devem-se às minhas limitações e, portanto, são de minha inteira responsabilidade.

*Todo Homem deve conhecer suas
origens.*
(Frase atribuída a Agajá, rei do Daomé.
Retirada de LÉPINE. *Os dois reis do
Danxome*, p.xvi).

Resumo.

Esta dissertação tem por objetivo analisar a composição populacional e as identidades dos escravos *africanos* nas Minas Gerais do século XVIII. Para tanto, o estudo do tráfico de escravos para a Capitania mineira se fez necessário. Primeiro porque a partir de sua análise pode-se perceber as questões relativas a oferta e a demanda, permitindo assim uma melhor compreensão da composição da escravaria em Minas. Segundo, as relações fomentadas por portugueses e luso-brasileiros na *África* repercutiram diretamente nas representações atribuídas aos escravos das Gerais. Assim, determinadas *nações africanas* ganharam representações que as fizeram ser vistas como mais próximas culturalmente dos luso-brasileiros, ou mais afastadas. Estas representações, não raro, expressaram a visão de mundo do *Eu*. Ou seja, era, na verdade, como o *Eu não-africano* apreendeu os diversos códigos e valores culturais dos *africanos*. A essas representações, denominados de Identidades representadas. Por outro lado, os *africanos* se apropriavam dessas representações, as utilizando na sociedade mineira, pois quisessem ou não, tinham que se adequar a esta sociedade. Em outras palavras, ao se apropriarem dessas representações, os *africanos* construíam suas identidades de sobrevivência. Por último, deve-se ressaltar que os códigos e valores culturais dos *africanos* não desapareceram no contato com o *não-africano*. Estes, chamados no trabalho de identidades históricas, não eram decodificados pelos *não-africanos*, permitindo que os indivíduos da *África* expressassem suas identidades de forma muito mais autônoma do que a historiografia ressalta. Nesse sentido, pode-se pensar que o processo de aculturação foi e é uma invenção, já que as identidades *africanas* em Minas Gerais no século XVIII eram múltiplas, manifestando-se diferentemente conforme a interação que ocorria.

Abstract.

This Thesis attempts to analyze the ethnic composition and identities of African slaves in Minas Gerais during the eighteenth century. In order to do so the slave trade into the captaincy is examined since, first, a focus on the effects of supply and demand allows for a better understanding of ethnic make up and, second, the relationships built up among the Portuguese and Luso-Brazilians in Africa had a direct influence on representations attributed to slaves in Minas. Thus, certain African “nations” (*nações*) took on representations which made them to be seen as either culturally closer to Luso-Brazilians or more apart. It was not unusual for these representations to express a world view of the self. That is to say that, in fact, they expressed how the non-African came to understand diverse African cultural codes and values. On the other hand, Africans appropriated these same representations, assuming them within the Minas society for, whatever their real desires, they were forced to adapt to their new reality. In other words, in appropriating these representations Africans constructed their identities of survival. It should be emphasized, however, that African cultural codes and values did not disappear upon making contact with the non-African. These codes and values, referred to here as historical identities, were never de-codified by non-Africans, thus allowing for African individuals to express their identities in a more autonomous form than the specialized historiography admits. In that sense it can be posited that the so-called process of acculturation was a mere invention, given that there were multiple eighteenth-century African identities in Minas each of which manifested itself in distinct fashion depending upon the circumstances.

LISTA DE TABELAS.

Tabela 1 Número relativo dos escravos, segundo suas <i>nações</i> . Comarcas de Ouro Preto e Rio das Mortes, para os anos de 1718, 1719, 1795 e 1804.....	80
Tabela 2 Número relativo dos escravos, segundo suas <i>nações</i> . Comarcas do Rio das Velhas e do Rio das Mortes, para os anos de 1718 a 1804.....	90
Tabela 3 A razão de sexo dos escravos, segundo suas <i>nações</i> . Comarcas de Ouro Preto e Rio das Mortes, para os anos de 1718, 1719, 1795 e 1804.....	95
Tabela 3A Número relativo dos escravos, segundo suas <i>nações</i> e gênero. Comarcas de Ouro Preto e Rio das Mortes, para os anos de 1718, 1719, 1795 e 1804.....	96
Tabela 4 Número absoluto e relativo dos escravos, segundo os domicílios de Vila Rica, para o ano de 1718.....	100
Tabela 5 Número relativo das <i>nações</i> , segundo os domicílios de Vila Rica, para o ano de 1718.....	102
Tabela 6 Número absoluto e relativo dos escravos, segundo os domicílios de Vila Rica, para o ano de 1804.....	102
Tabela 7 Número relativo das <i>nações</i> , segundo os domicílios de Vila Rica, para o ano de 1804.....	105
Tabela 8 Número absoluto e relativo dos escravos, segundo os domicílios de São João del Rei, para o ano de 1719.....	106
Tabela 9 Número relativo das <i>nações</i> , segundo os domicílios de São João del Rei, para o ano de 1719.....	108
Tabela 10 Número absoluto e relativo dos escravos, segundo os domicílios de São José del Rei, para o ano de 1795.....	109
Tabela 11 Número relativo das <i>nações</i> , segundo os domicílios de São José del Rei, para o ano de 1795.....	110

LISTA DE GRÁFICOS.

Gráfico 1 – Número absoluto dos escravos, segundo suas <i>nações</i> e faixas etárias. Vila Rica em 1804.....	86
Gráfico 2 – Número absoluto dos escravos, segundo suas <i>nações</i> e faixas etárias. São José del Rei em 1795.....	88
Gráfico 3 – Distribuição das <i>nações</i> , segundo o tamanho dos plantéis. Vila Rica, 1718.....	101
Gráfico 4 – Distribuição das <i>nações</i> , segundo o tamanho dos plantéis. Vila Rica, 1804.....	103
Gráfico 5 – Distribuição das <i>nações</i> , segundo o tamanho dos plantéis. São João del Rei, 1719.....	107
Gráfico 6 – Distribuição das <i>nações</i> , segundo o tamanho dos plantéis. São José del Rei, 1795.....	109
Gráfico 7 – Número absoluto dos batismos, segundo sua distribuição. Paróquia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, 1713 – 1809.....	112
Gráfico 8 - Número relativo dos escravos, segundo suas <i>nações</i> . Paróquia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, 1713 – 1809.....	113
Gráfico 9 - Exportações projetadas do tráfico de escravos português, 1701-1810.....	115
Gráfico 10 - Número absoluto dos escravos, segundo o gênero e a razão de sexo. Paróquia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, 1713 – 1809.....	116
Gráfico 11 - As razões de sexo dos escravos, segundo suas <i>nações</i> . Paróquia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, 1713-1809.....	118

LISTA DE MAPAS E FIGURAS.

Mapa 1 - Os portugueses na África Ocidental.....	40
Mapa 2 - África Centro-Occidental, 1500-1800.....	52
Mapa 3 - África Oriental.....	66
Figura 1 - Figurinhos de brancos e negros dos uzos do Rio de Janeiro e Serro do Frio, ca. 1776-79.....	153

ABREVIATURAS

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino.

AN – Arquivo Nacional.

APM – Arquivo Público Mineiro.

SC – Seção Colonial.

Col. Casa dos Contos – Coleção Casa dos Contos.

CÓD. – Códice.

IHGT – Instituto Histórico Geográfico de Tiradentes.

MO/CPO – Test. – Museu do Ouro/ Cartório do Primeiro Ofício – Testamento.

RAPM – Revista do Arquivo Público Mineiro.

Sumário.

Introdução	12
Capítulo 1 – As relações entre África e Brasil, e suas possíveis influências nas representações propaladas às <i>nações africanas</i> em Minas no século XVIII.....	36
1.1 As relações portuguesas e brasílicas na África Ocidental.....	40
1.2 As relações portuguesas e brasílicas na África Centro-Occidental.....	52
1.3 As relações portuguesas e brasílicas na África Oriental.....	65
Capítulo 2 – As <i>nações africanas</i> das Minas Gerais do século XVIII.....	76
2.1 A composição das <i>nações africanas</i> em Minas.....	79
2.2 A faixa etária dos escravos em Minas Gerais.....	84
2.3 As origens dos escravos entre as Comarcas do norte e do sul.....	88
2.4 <i>Nações</i> e gêneros dos <i>africanos</i> nas Minas Setecentistas.....	94
2.5 Distribuição das <i>nações</i> nos domicílios mineiros.....	99
2.6 O tráfico para Minas Gerais: uma análise sobre os assentos de batismos.....	111
Capítulo 3 – <i>Nações africanas</i> e a construção de suas identidades em Minas Gerais no século XVIII.....	120
3.1 Identidades representadas.....	124
3.2 Identidades de Sobrevivência.....	138
3.3 Identidades Históricas.....	147
Considerações finais	159
Fontes	164
Referências	166
Anexos	179